



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/09/2021 a 30/09/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/09/2021	12,85	336,10	57,97	7,23	5,26
27/09/2021	12,87	337,30	58,30	7,22	5,39
28/09/2021	12,77	337,30	57,77	7,06	5,32
29/09/2021	12,83	338,10	57,78	7,10	5,39
30/09/2021	12,56	326,20	58,79	7,25	5,36
Média	12,78	335,00	58,12	7,17	5,34

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	160,00	
RS – Não Me Toque	160,00	
RS – Londrina	161,00	
PR – Cascavel	161,00	
MT – C.N.Parecis	164,00	
MS – Maracaju	163,00	
GO - Rio Verde	157,00	
BA – L.E.Magalhães	164,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	90,00	CIF
Porto de Paranaguá	86,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	84,00	
SC – Rio do Sul	88,00	
PR – Cascavel	90,00	
PR – Londrina	89,00	
MT – C.N.Parecis	72,00	
MS – Maracaju	83,00	
SP – Itapetininga	91,00	
SP – Campinas	94,00	CIF
GO – Rio Verde	80,00	
GO – Jataí	80,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	80,00	
RS – Não Me Toque	80,00	
PR – Londrina	89,00	
PR – Cascavel	91,00	

Período: 29/09/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 30/09/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	84,71	161,11	80,76

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
30/09/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	74,45
Feijão (saco 60 Kg)	252,33
Sorgo (saco 60 Kg)	65,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,98
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,25**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,42

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, sofreram forte recuo no final da semana, após trabalharem em estabilidade nesta última semana de setembro. O fechamento da quinta-feira (30), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 12,56/bushel, contra US\$ 12,84 uma semana antes.

Neste dia 30/09 foi divulgado o relatório trimestral de estoques, posição 1º de setembro nos EUA. O mesmo indicou um recuo de 51% sobre a posição de um ano atrás, porém, mesmo assim Chicago caiu pois o mercado esperava um recuo ainda maior de tais estoques.

Por outro lado, a colheita da soja nos EUA, até o dia 26/09, atingia a 16% da área, contra 13% na média histórica para a data, enquanto o mercado esperava 15%. Quanto a condição das lavouras a serem colhidas, 58% estavam entre boas a excelentes, 28% regulares e 14% entre ruins a muito ruins. Vale ainda destacar que 75% das lavouras de soja estariam derrubando suas folhas

Quanto aos embarques estadunidenses de soja, na semana encerrada em 23/09 os mesmos atingiram a 440.742 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. No acumulado do atual ano comercial, os EUA embarcaram 941.822 toneladas, o que representa 81% abaixo das mais de 5 milhões de toneladas exportadas na mesma época do ano passado.

Ainda no campo internacional, a China se vê às voltas agora com problemas energéticos igualmente. A empresa Louis Dreyfus Company (LDC), uma das maiores tradings e processadoras de commodities do mundo, interrompeu o funcionamento de uma de suas fábricas de esmagamento na China devido a restrições no consumo de energia. Em diversas regiões chinesas o problema energético se faz presente, paralisando operações industriais e demais atividades, o que compromete a recuperação econômica do país. Com isso, os preços do farelo de soja, muito consumido na China, passou a subir. Nesta semana cerca de 20 fábricas de esmagamento de soja haviam sido atingidas naquele país. E não se sabe por quanto tempo o problema irá durar. Por enquanto, as empresas paralisadas representam 10% do esmagamento de soja na China. Mesmo assim, o mercado acredita que a China irá importar volumes importantes de soja neste restante de ano. (cf. Brandalitze Consulting)

Enquanto isso, na Argentina a safra de soja 2020/21 está com 30,5 milhões de toneladas vendidas neste final de setembro, contra 32,2 milhões no mesmo período do ano passado. A safra argentina 2020/21 terminou em junho com 43,1 milhões de toneladas, pois fortemente atingida por problemas climáticos. Já a futura safra está estimada em apenas 44 milhões de toneladas pelas autoridades argentinas, destoando da projeção do USDA que aponta 52 milhões de toneladas.

Aqui no Brasil, com o câmbio voltando a desvalorizar o Real a ponto de a moeda nacional bater em R\$ 5,43 por dólar durante a semana, e a manutenção de prêmios ainda elevados, os preços subiram mais um pouco. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 161,11/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 157,00 e R\$ 164,00/saco.

O plantio da nova safra diminuiu de ritmo nos últimos dias de setembro devido a falta de chuvas adequadas nas regiões centrais do país. Com isso, o plantio da safra 2021/22 chegava a 0,8% da área esperada até o dia 24/09, contra a média histórica de 1,4% nesta época. No Paraná o mesmo atinge a 4% da área e no Mato Grosso a 1%. (cf. Safras & Mercado) A maior parte dos produtores espera chuvas melhores para avançar e/ou iniciar o plantio da oleaginosa.

Já no Mato Grosso do Sul, entre janeiro e setembro de 2021, confirmando o novo patamar de preços da soja neste período, o preço médio da oleaginosa subiu 60% em relação ao mesmo período do ano anterior. Dificilmente isso irá se repetir nesta nova safra. Na melhor das hipóteses, em condições normais de colheita, a tendência é de os preços se manterem nos atuais níveis, com viés de baixa dependendo do comportamento do câmbio no Brasil. Em setembro deste ano o preço médio era 13,8% superior ao de setembro de 2020, chegando a R\$ 159,01/saco. Para a nova safra o Estado espera colher 12,7 milhões de toneladas em clima normal. Este volume será 533.000 toneladas menor do que o colhido na última safra, mesmo com área semeada 7% maior. Já o custo operacional de produção subiria 12%, com o Mato Grosso do Sul colhendo a média de 56 sacos/hectare, contra 62 sacos na safra passada, graças a um clima muito positivo.

Já no Mato Grosso, a alta do custo de produção total está estimada em 22% sobre a safra anterior, com o hectare chegando a R\$ 5.133,06. Certos tipos de fertilizantes chegaram a subir 80% em seu valor. Por enquanto, os bons preços da soja desta última safra vêm compensando a elevação no custo de produção, porém, nesta próxima safra, como em todo o Brasil, também no Mato Grosso a tendência é de menor rentabilidade para os produtores. A questão principal, neste contexto, passa a ser o clima, o qual já está atrasando parcialmente o plantio da nova safra. (cf. Imea)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram um pouco nesta semana, com o bushel fechando esta quinta-feira (30), para o primeiro mês cotado, em US\$ 5,36, contra US\$ 5,29 uma semana antes.

O relatório de estoques trimestrais, posição 1º de setembro, indicou um volume de 31,3 milhões de toneladas, ou seja, 36% abaixo do registrado um ano antes. Mesmo assim as cotações do milho recuaram em Chicago, no dia 30/09, pois o mercado esperava estoques ao redor de 29,3 milhões de toneladas.

Quanto a colheita do milho nos EUA, até o dia 26/09 a mesma chegava a 18% da área total, contra a média histórica de 15% e uma expectativa do mercado em 19%. Em relação as áreas a serem ainda colhidas, 59% das lavouras estavam em condições entre boas a excelentes naquela data, 26% regulares e 15% entre ruins a muito ruins. Cerca de 74% das lavouras estavam em fase de maturação, contra 64% da média histórica.

Por sua vez, os embarques de milho por parte dos EUA, na semana encerrada em 23/09, somaram 517.539 toneladas, ficando dentro das projeções do mercado. O total

embarcado no atual ano comercial soma 1,14 milhão de toneladas, ou seja, 60% a menos do que as mais de 2,8 milhões de toneladas exportadas no mesmo período do ano anterior.

Já na Argentina, o Ministério da Agricultura local informou que as vendas de milho, relativas a safra 2020/21, somaram 40,9 milhões de toneladas até este final de setembro, superando em 3,7 milhões o volume em igual período do ano passado. A estimativa é de que a última colheita argentina de milho foi de 50,5 milhões de toneladas, esperando-se um volume de 55 milhões nesta próxima safra 2021/22. Este novo plantio iniciou neste mês de setembro.

Por enquanto, 8,5% da área esperada em milho foi semeada no vizinho país. A área total está sendo projetada em 7,1 milhões de hectares. Neste momento há falta de chuvas nas regiões produtoras argentinas para que se acelere o plantio do cereal.

E no Brasil, os preços recuaram um pouco, ainda sob pressão da oferta da safrinha, mesmo diante da forte quebra ali registrada. O preço médio semanal do saco do cereal no Rio Grande do Sul fechou o mês de setembro em R\$ 84,71, enquanto nas demais praças os valores oscilaram entre R\$ 72,00 e R\$ 91,00/saco, sendo que o CIF Campinas (SP) ficou em R\$ 94,00/saco.

Pesa sobre os preços, além da entrada da safrinha, a retração das exportações e a expectativa de uma safra mais consistente neste próximo verão. Por outro lado, a nova desvalorização do Real, levando nossa moeda acima de R\$ 5,40, tende a estimular as exportações, fato que pode puxar para cima, no curto prazo, os preços locais.

Já na B3 os contratos de milho com vencimento em novembro fecharam o pregão da quarta-feira (29) em R\$ 93,43/saco, enquanto janeiro ficou em R\$ 94,40, março em R\$ 94,34, e maio em R\$ 89,45/saco.

Neste contexto, por enquanto o valor posto nas indústrias de ração é de um saco de milho entre R\$ 90,00 e R\$ 94,00 dependendo da região do país.

Dito isso, no Paraná, onde a safrinha está colhida, a semeadura do milho de verão chegou a 62% da área total esperada. Estima-se uma produção de verão ao redor de 4,1 milhões de toneladas neste Estado. (cf. Deral)

E no Mato Grosso do Sul, até este final de setembro, os produtores locais já haviam negociado 70,6% do total produzido na safrinha, um índice 14 pontos percentuais maior do que o volume registrado neste mesmo período de 2020 para a safra colhida naquele ano. (cf. Famasul)

Enfim, no Centro-Sul brasileiro, de forma geral, até o dia 23/09 a semeadura do milho de verão chegava a 26% da área estimada para 2021/22. (cf. AgRural)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago apresentaram um viés de baixa durante a semana, com o mesmo sendo revertido a partir do anúncio do relatório de estoques na posição

1º de setembro. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (30), para o primeiro mês cotado, ficou em US\$ 7,25/bushel, contra US\$ 7,17 uma semana antes.

O relatório de estoques, anunciado neste dia 30/09, apontou um recuo de 18% no volume em relação ao mesmo período do ano passado. O mercado esperava um corte menor em tais estoques.

Por sua vez, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 26/09, chegava a 34% da área esperada, contra 32% na média histórica para esta data, sendo que 9% da área semeada já haviam emergido.

Quanto às exportações, os EUA embarcaram 286.087 toneladas de trigo na semana encerrada em 23/09, ficando bem abaixo do esperado pelo mercado. No acumulado do ano comercial, os embarques de trigo estadunidense somam 8 milhões de toneladas, ou seja, 14% menos do que há um ano.

E na Argentina, os agricultores locais já venderam 7 milhões de toneladas de trigo da safra 2021/22, a qual começa a ser colhida apenas em novembro. A estimativa local é para uma safra total, neste ano, de 19,2 milhões de toneladas do cereal.

Já no Brasil, os preços se estabilizaram, com certo aquecimento no mercado a partir do desenvolvimento da colheita no Paraná. A partir de agora muitos moinhos nacionais começam a comprar trigo da nova safra, aumentando a liquidez do mercado e, por consequência, podendo aquecer os preços. Isso tende a reverter a tendência de recuo que vinha se desenhando até então, especialmente porque a nova desvalorização do Real deixa o trigo importado mais caro.

Dito isso, destaque ainda para o fato de que a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – CTNBio, órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil, está em fase de conclusão do parecer técnico quanto à solicitação de empresa argentina que pediu a liberação de importação de farinha de trigo transgênico pelo Brasil. Diante disso, a Associação Brasileira da Indústria do Trigo – Abitrigo, a Associação Brasileira das Indústrias de Biscoitos, Massas Alimentícias e Pães & Bolos Industrializados - ABIMAPI e a Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria – ABIP se posicionam contrárias quanto ao possível parecer positivo da CTNBio. Lembramos que o trigo transgênico já foi autorizado na Argentina, porém, sua autorização foi condicionada à aprovação da importação e uso comercial pela comissão reguladora no Brasil. De acordo com as entidades, o processo conduzido pela CTNBio é restrito a elementos técnicos e não são considerados aspectos mercadológicos e sociais, como o posicionamento de consumidores brasileiros, importadores de produtos brasileiros à base de trigo, comunidade científica internacional e mercado mundial. A forte oposição de diferentes setores no país, em relação a liberação deste trigo no Brasil, se dá em torno do fato de que o processo ainda incorre em inúmeros questionamentos e estudos insuficientes de avaliação sobre os impactos do trigo geneticamente modificado à saúde humana, animal e à biodiversidade, além de seus impactos socioeconômicos. Entende-se que, caso ocorra, o Brasil e a Argentina serão os únicos países do mundo a aprovarem tal tecnologia, até o momento sem precedentes internacionais. Assim, o tema merece ser considerado em sua maior abrangência possível pelas autoridades brasileiras, dada à repercussão mundial que esta decisão trará, com desmembramentos sobre a imagem do país,

imagem do agronegócio, reflexos econômicos sobre a cadeia do trigo e reflexos sobre o consumo deste alimento considerado essencial quando se trata de segurança alimentar das nações, defendem as instituições contrárias. Em pesquisa interna promovida pela Abitrigo, e também pela ABIMAPI, concluiu-se que as indústrias do trigo no Brasil são contrárias à utilização de Trigo Geneticamente Modificado, e a quase totalidade dos moinhos está disposta a interromper suas compras de trigo argentino, caso se inicie a produção comercial naquele país e sua exportação para o Brasil. (cf. Notícias Agrícolas)

Enfim, a colheita da nova safra de trigo no Brasil chegava a 4,7% da área neste final de setembro, contra 10,9% um ano antes. O Paraná já teria colhido 11%, contra 23% no ano passado nesta época. Este atraso se deve ao plantio tardio devido ao clima seco entre março e maio passados. Já no Rio Grande do Sul, o clima vem colaborando com as lavouras e a colheita deverá se iniciar em fins de outubro. A questão é dimensionar o volume final que o país colherá, pois houve quebras regionais importantes devido à seca, geadas, granizo e outras intempéries. Por enquanto, o volume esperado gira entre 7 e 8 milhões de toneladas, graças ao forte aumento da área semeada, a qual compensará eventuais perdas de produtividade regionais. Neste sentido, a Emater/RS reviu para cima a produção gaúcha, indicando que a mesma possa chegar a 3,6 milhões de toneladas, fato que seria 71% acima do colhido na frustrada safra do ano passado. A área gaúcha total teria sido de 1,18 milhão de hectares, se constituindo na segunda maior área cultivada com trigo na história do Estado. Diante de um consumo estimado em 12,3 milhões de toneladas no Brasil (este seria o maior volume em quatro anos), a relação entre estoque e consumo, em julho de 2022, deve ficar na casa de 11%, ou seja, o melhor nível desse período. Quanto as vendas, praticamente não há negociações antecipadas, pois não é hábito no país assim o fazer para com este produto. Assim, apenas 10% da produção esperada do Paraná, por exemplo, já estaria vendida.